

Caminho Darwin

Josimar Domingues

Sábado 18 tive a grande oportunidade de participar de uma esplendida caminhada, diferente das tradicionais onde só observamos a exuberância da natureza, nesta, além disto, fazia parte de nós o sentimento de compartilhar da história. Trilhamos o mesmo caminho que Charles Darwin fez aqui no Brasil, disto sabemos, pois comparamos a paisagem que víamos com a descrita em seu diário, e consideradas as mudanças causadas pelo homem com o passar dos anos muito se mantém do que ele viu em abril de 1832.

É claro que o caminho Darwin é muito grande para ser percorrido em apenas um dia, ainda mais quando se presta a atenção necessária aos detalhes do caminho, neste dia percorremos apenas a parte da Serra da Tiririca da altura do engenho do mato até a fazenda Itaocaia onde ele se hospedou quando aqui esteve.

Há quem não acredite na energia mística que emana de uma floresta, mas posso afirmar que ao termino da caminhada eu podia até estar com o corpo cansado, porem internamente estava de alma renovada. Nada como deparar ao acaso com um santuário de pássaros cantantes em meio a uma mata fechada por todos os lados tanto em cima quanto embaixo, não há musica mais alegre ainda mais quando esta surge de surpresa. Alegrou-me também a experiência de fotografar uma inquieta borboleta que de tão bela é também presunçosa e afoita e foge as lentes não parando de bater suas asas.

E quantas plantas diferentes encontramos pelo caminho, diversas flores, diversas folhas, texturas, formas, cheiros, em grande parte da floresta o solo estava coberto por uma planta cujo nome agora me escapa, mas que tem folhas medias e dá uma pequena flor rosada, árvores gigantescas, grossas, finas baixas, arbustos, cactos, trepadeiras; em muitos momentos o verde da copa das árvores nos cobria, mesmo com o céu indicando chuva, sentíamos o clima agradável como que se a floresta nos protegesse dos extremos das temperaturas.

E dentre as surpresas das paisagens que descortinavam a cada passo – um pedaço da Baía de

Guanabara, a pedra de Itaocaia, os vales, as formações rochosas – encontramos também curiosidades como o rola bosta, o caramujo africano, líquens indicando a pureza do ar, casas de João de barro, e também algumas casas de pessoas em meio a reserva.

Além disso, tristemente tenho que relatar o descaso que presenciei para com área tão importante: O lixo foi companhia constante na trilha, de latas de cerveja a sacos com lixo doméstico jogado na beira do caminho e em seus vários barrancos, encontramos também dois cachorros de grande porte mortos, um na beira do caminho e outro em um barranco, pneus, restos de entulho, plantas quebradas talvez por cavalos, talvez por motos, bicicletas ou simples maldade humana. Os atoleiros que presenciamos denunciavam grande movimento de carros no local, imagino gipes, estes não vimos, porém encontramos cavaleiros e ciclistas.

Fatos como estes me fazem pensar e perguntar: como preservar? Como garantir o cumprimento da lei? Será que os órgãos responsáveis pelo parque não tem fiscais? Como até hoje este caminho não está bem sinalizado? Quantas pessoas devem passar por ali sem saber a importância daquele lugar.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/caminho-darwin>